
Ocultamento e visibilidade na página Rio Invisível: Modos de construção subjetiva nas ruas e nas redes,

Daniele Pires de Castro¹

Resumo: Nas redes sociais, o cidadão comum constrói-se subjetivamente através de imagens e discursos de si publicamente compartilhados, sendo narrador de sua própria trajetória e identidade. Já a experiência cotidiana de pessoas em situação de rua é marcada por uma ameaçadora visibilidade, da qual é preciso esquivar-se para preservar a integridade. Essa visibilidade não impede o anonimato: os corpos abjetos das ruas não têm rosto, nome, história e identidade. Tendo em vista tal contraste, analisaremos a experiência da construção subjetiva do indivíduo em situação de rua através da página Rio Invisível, no Facebook, onde são publicados retratos e narrativas colhidos nas ruas do Rio de Janeiro, dando visibilidade à imagem e à história dos indivíduos que ali vivem. No entanto, se os processos de construção subjetiva desses indivíduos passam predominantemente pela experiência corporal na cidade e não pelo binômio discurso-imagem, a página acaba inserindo-os na lógica identitária dominante.

Palavras-chave: cidade, identidade, Rio Invisível, situação de rua, visibilidade.

Abstract: In social networks, the average citizen constructs itself subjectively through images and discourses, establishing itself as narrator of his own history and identity. However, the everyday experience of people living on the street is marked by a threatening visibility, which must be dodged to preserve the integrity. This visibility does not prevent the anonymity: the abject bodies from the streets have no face, name, history and identity. Given such contrast, will be analyzed here the experience of subjective construction of the individual on the streets through the Rio Invisible page on Facebook, where are published portraits and narratives collected on the streets of Rio de Janeiro, giving visibility to image and history of the individuals living there. However, if the processes of construction subjective of these individuals are predominantly by body experience in the city and not by the binomio speech-image, the page just inserting them into the dominant logic of identity.

Keywords: city, identity, Rio Invisível, homeless, visibility.

¹ Doutoranda em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: danielepcastro@gmail.com

Introdução

Além da arquitetura, da organização espacial e dos símbolos históricos que compõem a cidade, o espaço urbano deve ser pensado também a partir dos corpos que o habitam. O corpo é a razão de ser da cidade, afirma Alain Mons, um dos fatores essenciais de seu desenvolvimento (MONS, 2013, p. 123). Há um movimento caótico que caracteriza essa habitação: uma superposição de corpos em circulação, silhuetas que vão e vem, que surgem e desaparecem, que se esbarram e parecem se atravessar. Nesse turbilhão, há também, atenta Mons, outro tipo de corpo. Na “contra-corrente do imperativo do movimento circulatório da sociedade liberal”, afirma fazendo referência a Alain Gauthier, estão as formas fossilizadas da exclusão (MONS, 2013, p.125). São as existências rejeitadas pela arquitetura da cidade e empurradas ao anonimato pelo olhar anestesiado do cidadão comum. Esses corpos ocupam o espaço urbano não apenas como um lugar de circulação, mas de permanência. A experiência cotidiana desses homens e mulheres destituídos de um espaço próprio e privado é marcada por uma ameaçadora visibilidade, da qual é preciso por vezes esquivar-se para preservar a integridade. Essa visibilidade, no entanto, não impede o anonimato: o corpo abjeto, sujo, machucado, fedido, é um corpo sem rosto, sem nome, sem história e sem identidade. A visibilidade desse corpo é também a invisibilidade desse sujeito.

Em tempos em que a vida é exposta sem muitos pudores nas redes sociais, os indivíduos constroem-se subjetivamente através de imagens e discursos de si publicamente compartilhados. No entanto, apesar do declínio do valor que se dá às práticas e posturas mais introspectivas, o ambiente privado ainda é essencial para a experiência de si como um indivíduo com limite espaciais próprios que permitam a vivência da experiência da intimidade, por mais que eventualmente ela seja midiaticizada. Se os corpos cotidianamente observáveis na rua escondem-se nos cantos para se esquivar da intolerância e invisibilizam-se sob o anonimato, no espaço público/privado das redes, a visibilidade é, na maioria das vezes, uma busca e uma escolha. Através dela, o

indivíduo se constitui como narrador, autor e personagem de sua própria trajetória, tornando-se sujeito portador de uma imagem, de uma história, de opiniões, de uma identidade.

É no interior desse contraste entre a visibilidade das redes e a (in)visibilidade na cidade que pretendo pensar aqui a experiência da construção subjetiva do indivíduo em situação de rua a partir da página da comunidade Rio Invisível. Nas próximas duas seções, traço um breve diagnóstico desses processos de visibilidade/invisibilidade. Em primeiro lugar, trato do imperativo da visibilidade nas redes e sua relação com a exteriorização dos processos de construção das subjetividades. Em seguida, partindo de estudos produzidos por diversos pesquisadores sobre pessoas em situação de rua, procuro identificar as características dos processos de construção subjetiva desses indivíduos que passam predominantemente pela experiência corporal e não pelo binômio discurso-imagem. Na quarta seção, analiso o papel da página Rio Invisível na proposta de dar fala e rosto a esse grupo, inserindo-os na lógica identitária dominante para a qual é preciso ser visto para ser. E, por fim, nas considerações finais, resta questionar o que projetos como essa página produzem em termos de ocultamento e visibilidade ao reforçar perspectivas dominantes de modos de produção subjetiva.

O imperativo da visibilidade nas redes

“A identidade é uma construção que se narra” (CANCLINI, 2008, p. 163), afirma Nestor Garcia Canclini, em *Consumidores e cidadãos*. Mais precisamente, hoje, a identidade é uma construção que se narra publicamente pela exposição de imagens, opiniões e gostos individuais e relatos de fatos cotidianos, ordinários e extraordinários, da vida, inclusive da parte tradicionalmente reconhecida como privada. Mais do que um meio de estabelecer conexões, as redes sociais são uma plataforma de contínua constituição de narrativas autobiográficas. Conforme bem observa Paula Sibília,

o “eu” que se fala e mostra na web costuma ocupar o tríplice papel de autor, narrador e protagonista. Há portanto uma natureza ficcional em tais narrativas: os fatos se depreendem da realidade, mas a obra é uma contínua construção cujo resultado é a ilusão de uma unidade coesa, mesmo que cambiante, a qual chamamos de “eu”.

Apesar de seu caráter de ficção, tais relatos são necessários, pois são eles que nos constituem como sujeito, ou seja, são eles que dão sentido ao que somos: é a linguagem, afirma Sibilia, que nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desse cruzamento de narrativas se (auto)denomina “eu” . Assim, explica a autora, o relato não é apenas a tradução da realidade para o texto, mas o meio pelo qual a subjetividade de fato se constitui. (SIBILIA, 2008, p.31) “A experiência de si, como um eu se deve, portanto, à condição de narrador do sujeito: alguém que é capaz de organizar sua experiência na primeira pessoa do singular”. (SIBILIA, 2008, p.31) Da mesma forma, a vida também possui esse caráter eminentemente narrativo. O relato da experiência vital de cada sujeito, afirma Sibilia, não representa simplesmente a história que se tem vivido, mas a apresenta. E de alguma maneira, ressalta a autora, também a realiza, concedendo-lhe consistência e sentido, delineando seus contornos e a constituindo. (SIBILIA, 2008, p.32)

Essa narração depende ainda de mais um fator: o outro. Toda comunicação requer a existência de um interlocutor, não apenas como aquele a quem o eu se dirige, mas como a outra voz que contribui com seus relatos para essa construção. Todo discurso, afirma Sibilia, é polifônico, mesmo que ele seja um monólogo ou um diário íntimo, sua natureza é sempre intersubjetiva. Na conjuntura atual, o outro ganha maior destaque: nas redes de sociabilidade discursos e imagens são disponibilizados à avaliação nada discreta e às opiniões de múltiplos interlocutores. Comentários, compartilhamentos, likes e follows validam, dão visibilidade e ajudam a construir as narrativas individuais, permeando relatos com hipertextos, publicizando-os ainda mais, avaliando-os em termos de aceitação e interesse. Em uma época em que o espaço virtual

parece fazer desmoronar a tradicional separação entre espaço público e privado, as redes tornam-se ambiente preferencial de debate político, mas também são plataforma quase que indispensável, aos seus cada vez mais numerosos usuários, de construção da identidade individual por meio de relatos e imagens, opiniões e associações.

O que dizer então daqueles que não participam das redes sociais? Certamente que estão apartados de um (cada vez mais) importante espaço de interlocução cidadã, onde questões políticas e sociais próprias ao espaço público são debatidas e que vem se tornando plataforma de proliferação de fontes de informação além das mídias de massa tradicionais. Além disso, deixam de estar presentes em um fundamental espaço de visibilidade dos dias atuais. O perfil criado nas redes sociais é uma parte importante da construção da identidade individual nesse tempo de conectividade virtual. Os ausentes das redes sociais deixam de estar presentes, portanto, em um novo e crescente, em magnitude e importância, espaço de sociabilidade, onde uma outra visibilidade é constituída.

Ao diagnosticar as subjetividades alterdirigidas de nossos dias em A multidão solitária, David Riesman identificou que há não apenas um alargamento do circuito de pessoas com os quais se quer estar em contato, mas uma maior ressonância entre as pessoas, um desejo de estar em uma “casa de vidro” e não mais escondido por trás de uma “cortina de veludo”. A subjetividade deixa de ser constituída prioritariamente no espaço íntimo da interioridade para se tornar uma construção que se dá a partir e para o exterior. Nesse sentido, Paula Sibilia percebe que há uma busca crescente pela visibilidade: para ser é preciso aparecer. Aquilo que permanece oculto, fora do campo da visibilidade, pontua, corre o triste risco de não ser interceptado por olho algum e, nos dias atuais, é possível afirmar que se ninguém vê alguma coisa é possivelmente porque essa coisa não existe. (SIBILIA, 2008, p. 111-112)

Por outro lado, isso não significa que há um desaparecimento do modo introdirigido de construção subjetiva. O recinto privado e a noção de interioridade ainda são fundamentais para a construção de um “eu”. Paula

Sibília relembra como os quartos próprios foram, no século XVIII, o ambiente ideal para o desenvolvimento da “escrita de si”, como os diários e relatos de cunho íntimos e confessionais. Apesar do declínio de tais tipos de escrita, o cultivo do ambiente íntimo ainda não deixou de ser importante para o desenvolvimento da individualidade. Da mesma forma, ainda não perdeu força a ideia de que é no universo interior que reside a verdade sobre cada indivíduo. Assim, paralelamente à crescente tendência à construção narrativa do “eu” de maneira pública, o ambiente privado persiste como esfera fundamental da experiência do sujeito singular. Afinal, são nos encontros e nas tensões entre esses dois mundos – o universo privado e o público, a casa e a web, a interioridade do ser e a exterioridade do aparecer – que se desenvolvem as experiências subjetivas contemporâneas.

A negação da visibilidade nas ruas

Diante de tal diagnóstico, marcado pelo efeito de distensão que o espaço de visibilidade das redes provoca no espaço privado do ocultamento, representado pela casa, é mais assombroso constatar que há outro mundo totalmente diverso de tal configuração que cotidianamente nos interpela nas grandes cidades. Sem redes, mas também sem casas, numerosos indivíduos em situação de rua permanecem diariamente expostos à observação no espaço público. O pesquisador Igor Robaina estudou, na população de rua da cidade do Rio de Janeiro, o que ele chama de elementos “impróprios”, ou seja, aqueles que “exprimem a contrariedade daquilo que se espera dos comportamentos sociais e dos modos de vida de um cidadão 'padrão' nas grandes cidades”.(ROBAINA, 2011, p. 168) Um desses elementos é a ausência da casa, que é associada, conforme destaca Robaina, a uma série de adjetivações positivas em comparação aos espaços externos. Confiança, intimidade, privacidade, proteção, refúgio, repouso, sossego e tranquilidade são sentimentos normalmente associados à casa, afirma o pesquisador. Além disso, há uma perda relativa à

construção da identidade protegida do olhar público (ROBAINA, 2011, p. 169).

Outro elemento desviante elencado por Robaina é a dimensão estética do corpo: as condições das roupas, dos dentes, dos pelos e cabelos, das unhas e o odor fogem dos padrões esperados de um cidadão. Associa-se a isso o efeito de exposição a que estão submetidos esses corpos pela ausência de proteção do espaço privado de uma casa, eles se tornam alvo fácil de processos de estigmatização. À conclusão semelhante chega o pesquisador Lucas Graeff, que acompanhou o cotidiano de 51 pessoas em situação de rua entre os anos de 2006 e 2008 na cidade de Paris, e relatou como o corpo foi um “elemento incontornável” da etnografia que realizou. Ele também detecta como a visibilidade desses corpos causa mal-estar, por exemplo, quando um senhor bêbado e machucado sofre uma queda e interrompe a passagem das pessoas que utilizam o metrô. As condições precárias a que se expõem esses corpos – frio, fome, cansaço, dores e fraturas – levam-nos a uma situação de abandono na qual o abatimento progressivamente se inscreve sobre o gesto e a postura e é esse estado que se torna o repositório de experiências de desrespeito social. (GRAEFF, 2012, p. 767) Em condição de precariedade, esse corpo torna-se então um estigma, afirma Graeff citando Goffman, uma marca que impede a plena aceitação do indivíduo pela sociedade. (GRAEFF, 2012, p. 767)

Conscientes das imagens que a sociedade produz sobre eles, os moradores de rua se valem de estratégias para contornar os riscos e as rejeições a que estão submetidos. Lucas Graeff identifica estratégias de apagamento das marcas corporais de diferenciação por alguns indivíduos, quando, por exemplo, dois homens que moram nas ruas procuram se aproximar de garotas em uma festa. Eles tentam esconder cicatrizes, roupas, disfarçar o odor, mudar a maneira de falar ou agir. Para obter um reconhecimento social positivo é fundamental apagar tais marcas. No entanto, segundo outros pesquisadores, a estratégia mais comum de proteção à violência e à rejeição é a invisibilidade. Igor Robaina afirma que as populações de rua reconhecem as imagens que a sociedade produz sobre eles e, frente aos “elementos hostis” que se apresentam

cotidianamente, eles produzem estratégias espaciais de sobrevivência que permitem, ao mesmo tempo, uma condição de invisibilidade e permanência no espaço. (ROBAINA, 2011, p. 170) O pesquisador ressalta como os espaços públicos de grande visibilidade como, por exemplo, praças, passeios públicos e grandes vias de circulação são de grande importância para a prática de mendicância, no entanto também representam elevado risco para esta população de rua, que se intensifica nos períodos noturnos. (ROBAINA, 2011, p. 170). Desta maneira, paralelamente a uma estratégia de sobrevivência pela invisibilidade, percebida por Robaina, é necessário, a essa população, traçar uma estratégia de ocupação.

Para se apropriar do espaço público como lugar de moradia, trabalho e alimentação, a população de rua tem que enfrentar todo um efeito de ordenamento territorial próprio a cidade, bem como as tentativas constantes das políticas de ordem urbana de produzir um espaço de equilíbrio e estabilidade (ROBAINA, 2011, p. 169-170). As permissões de acesso e permanência no espaço público são resultantes desses processos de negociação e conflitos entre diferentes grupos, que delimitam uma lógica particular de uso e acompanham o indivíduo onde quer que ele vá. (ROBAINA, 2011, p. 169) Segundo a pesquisadora Simone Frangella, contrariando os diversos procedimentos de exclusão a que são submetidos diariamente, as pessoas em situação de rua resistem através de processos corporais que subvertem a ordem hegemônica de ocupação da cidade. Ela percebe a maneira diferente que esse grupo tem de experienciar a geografia urbana, dando aos espaços funções diferentes daquelas pretendidas pelo planejamento urbano.

As pessoas da rua habitam uma margem liminar da cidade, marcada pelo deslocamento contínuo e perturbador da definição normativa dos espaços públicos e pelo corpo abjeto, e são vistas como um sintoma e um símbolo das promessas falhas do progresso e da prosperidade. Estão, portanto, em contraste com uma representação hegemônica do interesse “público”. Neste sentido, estão sujeitas constantemente, em representações e práticas cotidianas, a mecanismos de minimização, de apagamento, de eliminação (FRANGELLA, 2004, p. 57).

Frangella investigou, em seu doutorado, a construção da corporalidade dos moradores de rua na cidade de São Paulo no interior um processo de tensão entre as tentativas de apagamento desses corpos pela sociedade e as possibilidades de resistência criadas pela existência nômade e novas formas de uso dos espaços. Segundo a autora, o corpo é o locus de produção e enunciação dessa experiência, pois é nele

que se projetam as contínuas e sucessivas intervenções e manifestações de violência que atualizam cotidianamente as tentativas de exclusão desse segmento. Mas é também através do corpo – e, sobretudo, através dele – que surgem as possibilidades de resistência do morador de rua à exclusão (FRANGELLA, 2004).

A trajetória do morador de rua é eminentemente corporal. Não apenas porque o corpo traz visibilidade aos processos que marcam a formação desta categoria. Mas também porque, sendo o único suporte que lhe resta e que lhe é irredutível, atualiza sua possibilidade de existência e as condições atuais nas quais ela se faz. Seu corpo aparece como último território, sobre o que e por meio do qual singularizam-se as manifestações de sua experiência na cidade. Desprovidos de bens materiais, sem casa, absolutamente fora das práticas de consumo, envelhecendo na rua, corpo sujo e fétido que os mimetiza no asfalto, o morador de rua aparece como uma ameaça às definições normativas do espaço urbano e às projeções corporais idealizadas (FRANGELLA, 2004, p. 61)

Segundo a pesquisadora, citando Magni, é a deriva nômade que caracteriza a experiência existencial dessa população. (FRANGELLA, 2004, p. 34) O trajeto da rua pode ser visualizado como o produtor de uma nova subjetivação que promove a singularidade deste segmento. À margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, tais indivíduos se constituem como sujeitos e grupo, dando lugar a novos saberes e poderes, afirma Frangella citando Gilles Deleuze. No entanto, a circularidade é a base que constitui e que, igualmente, desfaz esse processo, afinal tais subjetividades são constringidas, limitadas ou aniquiladas pela ordem urbanística. (FRANGELLA, 2004, p. 35). A pesquisadora sugere que a resistência desse corpo abjeto do morador de rua interpela simbólicamente e materialmente o corpo desejado e idealizado pelas práticas na cidade. Assim, lembrando-nos continuamente das fragilidades do self contemporâneo e reafirmando as múltiplas possibilidades corporais e subjetivas

(FRANGELLA, 2004). Frangella conclui que é através do corpo que o morador de rua reafirma algo que é seu. (FRANGELLA, 2004, p. 289) É através dele que se localizam territorialmente procurando a manutenção de um lugar próprio em “um espaço marcado pela impessoalidade e pela funcionalidade homogeneizadora da circulação urbana” (FRANGELLA, 2004, p. 288). É, portanto, nessa estreita relação entre corporalidade e espaço urbano que se constitui a subjetividade deste grupo.

Rio Invisível

A construção subjetiva das pessoas em situação de rua é feita à margem dos modos dominantes, marcados, como vimos, por duas esferas: a visibilidade no espaço público, cada vez mais mediada pelas redes, onde se constroem narrativas identitárias individuais; e o ocultamento no espaço privado, onde essa identidade é cultivada em uma dimensão mais íntima. Ao contrário, a subjetividade do morador de rua é marcada por uma dupla reversão. De um lado, enquanto sujeito, ele é um anônimo, um invisível no espaço público. A ausência de voz lhe deixa à margem dos processos de construção de narrativas pessoais que conferem aos indivíduos o efeito do “eu”. Além disso, falta-lhes também a proteção do lar, o ocultamento, a estruturação do espaço da intimidade, ainda tão importante para a construção subjetiva individual. Desta maneira, falta-lhes também o controle sobre o que é exposto. Ao contrário da visibilidade tão procurada nas pequenas telas, onde narrativas identitárias são construídas como obras autobiográficas, a visibilidade dos moradores de rua na cidade não lhes confere o efeito de um “eu”. Seus corpos permanentemente observáveis estão sujeitos, na verdade, ao anonimato e a todo tipo de violência. Se no mundo das conexões virtuais a visibilidade é uma ordem, no espaço público, a invisibilidade para a pessoa em situação de rua é uma necessidade, é uma forma de se esquivar da rejeição e da violência.

Temos um quadro no qual o par visibilidade/invisibilidade tomam

acepções e valores distintos. De um lado, a visibilidade nas redes remete à construção de uma narrativa autobiográfica, sob a qual o próprio indivíduo exerce um controle, apesar do caráter irremediavelmente polifônico do discurso. Esse sujeito narrador, autor e protagonista é ainda detentor de um espaço privado de vivência corporal essencial para a preservação da intimidade, ainda que cada vez mais ele deseje e seja estimulado a compartilhá-la publicamente. O importante é que o efeito dessa publicização mediada, composta por imagens e discursos e não pelo corpo em presença, é a construção de um “eu”, de uma identidade própria, que confere ao indivíduo um lugar na sociedade. Do outro lado, está a visibilidade do morador de rua: a exposição do corpo sem mediação da imagem e do discurso, em toda sua intimidade e precariedade. Sem a construção de uma narrativa, não há também seu efeito fundamental, que é a afirmação de uma identidade. Diante do anonimato e da exposição à rejeição e à violência, a visibilidade do corpo fora dos padrões aceitos e fora do campo do discurso torna-se um perigo. A melhor opção é a invisibilidade. A cidade cria, portanto, “invisibilidades” do tipo que atravessam não apenas os discursos mas os corpos : a geografia urbana tende a deixar à margem aqueles que não correspondem ao projeto de corpo idealizado pela cultura contemporânea.

Apesar de este não ser seu foco, em seu estudo, Frangella detectou que os indivíduos em situação de rua têm necessidade de contar suas histórias e ouvi-las é sempre uma condição inicial para estabelecer um diálogo. Ela afirma que a exposição constante de suas histórias de vida pode ser explicada pelo seu alto grau de isolamento social, encontrando nessa ação uma forma de reconstruir sentidos para sua trajetória. Contar sua história seria também uma tentativa de tornar-se singular frente à situação de anonimato a que estão submetidos. (FRANGELLA, 2004, p. 25) A pesquisadora não se aprofundou neste assunto, mas parece claro aqui que por mais que outros modos de construção subjetiva possam ser elaborados, o reconhecimento social como um sujeito portador de uma história e de uma identidade seja um desejo para muitos indivíduos nessa situação.

Afetados pela invisibilidade da rejeição e do anonimato, às pessoas em situação de rua resta buscar outros meios de construção subjetiva, às margens das formas alterdirigidas da contemporaneidade, caracterizadas em grande parte por um projeto idealizado de corpo, pela intensa conectividade e pelas narrativas autobiográficas em múltiplas plataformas. É nesse abismo que separa a experiência de vida dos moradores de rua da experiência do ser humano médio da cidade, que o projeto chamado Rio Invisível (<https://www.facebook.com/rio.invisivel?fref=ts>) faz o esforço de dar voz e imagem a esse segmento excluído da sociedade. Trata-se de uma comunidade criada no Facebook que publica periodicamente relatos da vida de indivíduos que vivem nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Uma imagem fotográfica, que procura destacar o rosto daquele que conta a história, é acompanhada por um texto breve, editado pelos autores da página, de falas do próprio personagem. Há um esforço em preservar o tom de autoria dessas narrativas autobiográficas, somente entrecortadas por pequenas intervenções do interlocutor que descreve detalhes de seu encontro com o narrador. A página se descreve como “um exercício diário de enxergar a vida pelas ruas da cidade – redirecionar o olhar para os que estão ali”, assim os criadores propõe reverter o processo cotidiano de negação a que são submetidos esses indivíduos, de um olhar que constantemente se nega a enxergar aquela outra experiência de vida e que acaba, desta forma, criando “anônimos”.

A página é recente, começou a funcionar no mês de setembro de 2014, e no mês de novembro já tem com mais 50 mil seguidores. Tamanho sucesso deve-se talvez conseguir explicar por um certo imaginário criado em torno da figura do morador de rua que causa certo fascínio por essa figura misteriosa. Frangella percebe que é recorrente a ideia de que a condição de isolamento provê ao morador de rua, principalmente o mendigo, uma sabedoria superior sobre a vida, eles parecem ver o que não é percebido, são exemplos de redenção e provadores da moral social, e ainda são os contadores de histórias nunca vistas (FRANGELLA, 2004, p. 54). E esses indivíduos sentem mesmo a necessidade de

contar suas histórias, enunciando seus sofrimentos e aprendizados, afirma Frangella. (FRANGELLA, 2004, p. 56) Alguns comentários na página do facebook corroboram essa visão . No relato de Valéria, postado em 31/10/2014, por exemplo, há diversos comentários que enaltecem a sabedoria de suas palavras:

“A sabedoria dessa mulher chega a por lágrimas nos meus olhos”

“Que show de filosofia! No duro mesmo. Inacreditável”

“Que ser humano brilhante!”

“lemos todas essas histórias de vida e, mesmo que não façamos nada por essas pessoas, suas vivências fazem por nós. sempre que leio, me dá um 'tóin’”.

Para dar visibilidade aos indivíduos que habitam as ruas, a comunidade Rio Invisível se vale de dois recursos fundamentais: a imagem do rosto e a narrativa. Até aqui destacamos a importância do segundo fator na construção de identidade desde a modernidade, ressaltando como a autobiografia contada torna-se um meio pelo qual o indivíduo se reconhece como sujeito, reconstruindo dentro de uma lógica cronológica sua história de vida. A imagem do rosto vem compor esse par do reconhecimento identitário. Como vimos, segundo estudiosos aqui citados, o corpo é, para a população de rua, o principal meio através do qual sua subjetividade é constituída. No interior da lógica identitária de construção subjetiva, compartilhada pela maioria dos usuários das redes e habitantes da cidade, o corpo é cultuado a partir de padrões ideais a serem perseguido, formando junto com o rosto o conjunto imagético que institui, ao lado da narrativa autobiográfica, um princípio de reconhecimento individual. No entanto, a corporalidade abjeta da pessoa em situação de rua o deixa à margem de tais processos alterdirigidos de subjetivação, constituindo-se subjetivamente não pela imagem de seu corpo, rejeitada pela ordem visual urbana, mas por uma perspectiva relacional com os espaços da cidade. Desta maneira, fica prejudicada a associação entre imagem corporal e identidade pessoal para esse grupo, tão cotidiana para aqueles que se enquadram nos padrões aceitos e que têm acesso aos meios midiáticos de projeção.

A comunidade Rio Invisível, ao publicar não apenas a narrativa, mas a imagem do rosto do personagem, propõe uma correção dessa falta. Um corpo anônimo ao qual diariamente é negada a visibilidade torna-se um rosto-imagem para uma vida que se tornou narrativa. Goffmans cita a imagem fotográfica do indivíduo como um exemplo importante do que ele chama “marcas positivas” ou “apoio da identidade”, um dos elementos que compõem a ideia de unicidade. O segundo elemento desse composto é a noção de que, apesar de alguns fatos particulares sobre um indivíduo serem também verdadeiros para outros, a combinação de fatos conhecidos sobre uma pessoa nunca será igual a de outra pessoa no mundo. O autor define "identidade pessoal" a partir desses dois elementos: as marcas positivas ou apoio de identidade e a combinação única de itens da história de vida. A identidade pessoal estaria então relacionada com a pressuposição de que o indivíduo pode ser diferenciado de todos os outros (GOFFMAN, 1988, p. 50-51).

O retrato, portanto, desconstrói a imagem abjeta do morador de rua, dando àqueles rostos outras possibilidades de associação, já não mais com nomes estigmas, como vagabundo, louco ou pobre coitado, mas com nomes próprios portadores de histórias de vida singulares. Além disso, o rosto estabelece uma relação com o espectador que transcende a pura informação. Segundo Picado, a visão de um rosto carrega consigo uma intenção relacional e conversacional, “já que nelas se efetiva o propósito de criar no espectador a impressão de um tipo especial de actância, aquela da conversação direta (e, por que não dizê-lo, também a de uma *sympatheia*) (PICADO, 2009, p. 289). O retrato, assim, tem o efeito de aproximar o leitor daquele narrador, conferindo a essa relação um grau maior de intimidade reforçado pela compreensão socialmente partilhada de que no rosto de uma pessoa é possível identificar as “marcas da vida” e de que o olhar é a “janela da alma”, onde podemos reconhecer alguma verdade sobre aquele indivíduo.

Mais do que a imagem de uma face, os retratos publicados mostram um rosto e deixam perceber um espaço. Os frequentadores da página, em sua

maioria também habitantes da cidade do Rio de Janeiro, reconhecem os lugares por onde passam diariamente. O indivíduo em situação de rua e o outro que por ela circula compartilham espaços que se tornam familiares aos dois. Esse tipo de reconhecimento engendra uma transição entre o rosto da fotografia e o corpo anônimo que habita aquele espaço da cidade. Segundo Mons, há uma íntima relação entre rosto e lugar, a percepção dos dois é recíproca. Assim, na maior parte do tempo, conclui o autor, os rostos são apenas aparições e desapareções, surgem para em seguida serem absorvidos pela multidão. (MONS, 2013, p. 132) Os rostos das pessoas em situação de rua estão ainda à margem desses modos de percepção. Eles são, como vimos, visualidades interditas pois não estão em conformidade com os padrões estéticos e de ocupação aceitos. A imobilização e publicização desse rosto no retrato e o reconhecimento dos espaços da cidade em tais imagens podem estimular outra maneira de perceber o composto rosto-lugar, não mais a partir da fugacidade que caracteriza o fluxo citadino de pessoas e deixa na escuridão aqueles que não compartilham tais modos regulares de ocupação, mas pela fixação do olhar, pela atenção mais presente.

A importância do rosto fotografado vai além da relação entre a audiência da página e seus personagens. Os retratos publicados, tirados em máquina polaroide, são mostrados ao protagonista da história. Em alguns casos foram publicadas as reações dos moradores de rua diante dessas imagens. Um caso curioso foi o de Soraia, publicado em 06/11/2014. Os interlocutores contam que ela não se reconheceu na fotografia e ao ver seu retrato, perguntou: “Quem é essa pessoa?” Essa ausência de reconhecimento de si mesmo foi um tópico bastante comentado pelos frequentadores da página neste depoimento. A ideia de uma “perda de si mesmo”, seja objetivamente relacionada a um transtorno psiquiátrico, como fizeram alguns comentadores, ou apenas ao sofrimento, é ressaltada como um aspecto comovente da história de Soraia . Afinal o rosto institui um princípio de reconhecimento para o outro mas também para si mesmo. A ação de dar a ver ao indivíduo que vive na rua sua própria imagem fotografada promove, ao lado da proposta de dar-lhe voz, não apenas a

identidade de um anônimo para o público que acessa a página da comunidade no facebook, mas para o próprio sujeito que se vê e se reconhece como único na imagem.

Considerações finais

A subjetividade da pessoa em situação de rua é constituída cotidianamente através da experiência corporal. Os cuidados com o corpo, os atos fisiológicos, o dormir, o sexo, a ação de comer, ou seja, todo tipo de atividade considerada íntima, são realizados sob o risco do olhar do outro. Essa constante visibilidade a que está submetido é uma ameaça a integridade física e a dignidade, pois seu corpo, estando longe dos padrões estéticos aceitos pela sociedade, está marcado pelo estigma. A invisibilidade torna-se então uma necessidade, mas é também desejada pela sociedade que nega o olhar a esse corpo abjeto que a interpela cotidianamente. Na cidade, o morador de rua torna-se um anônimo, sem imagem e sem história própria, e seu corpo resta como único suporte para resistir às estratégias de aniquilação que a cidade lhe impõe, seja pela violência, pela arquitetura ou pela simples negação de sua existência. Bem diferente é o processo de subjetivação do cidadão comum da cidade. Sua intimidade, preservada numa casa, lhe serve de suporte para a construção de sua identidade individual, bem como a construção pública de sua narrativa de vida pessoal, sendo as redes sociais hoje um canal de extrema importância. Entre o ambiente da intimidade e da imagem pública forma-se a ideia de um “eu”, dotado de um espaço próprio, de uma biografia, de uma imagem e, principalmente, de unicidade.

A página Rio Invisível busca inserir os anônimos das ruas nessa rede pública de reconhecimento. Através da publicação de seus retratos e suas narrativas de vida, dá ao morador de rua uma voz e, conseqüentemente, uma condição de sujeito no interior do modo de subjetivação predominante na nossa sociedade. No entanto, se há diversos pontos positivos nessa estratégia de

inserção, como vimos, o cotidiano da experiência corporal desses indivíduos permanece no ocultamento. A pesquisa, muitas vezes citada aqui, de Simone Frangella tem o grande mérito de trazer à visibilidade a vida da pessoa em situação de rua pelo que lhe é próprio: seu corpo e seus modos de existência nas ruas. No lugar de olhar esses indivíduos a partir de uma perspectiva do que é ser um sujeito que ressoa uma visão de mundo local e historicamente determinada, a da sociedade ocidental liberal consumista e imagética contemporânea, a pesquisa de tese dessa pesquisadora mergulha em outra perspectiva, permitindo que vejamos que há outros modos de existência possíveis.

A página Rio Invisível provoca um desvio no olhar, fazendo com que o leitor enxergue o que antes lhe parecia invisível, mas não o tira de seu eixo. A perspectiva de avaliação e reconhecimento não muda, apenas incorpora aquilo que antes lhe parecia desviante. Projetos como o de Frangella, que procuram identificar diferentes modo de vida assumindo a perspectiva do outro, tira o leitor de seu eixo, fazendo com que ele perceba outros mundos e formas possíveis de constituição de sujeitos. O perigo do primeiro tipo de projeto é que ele submete a experiência do outro a uma avaliação circunscrita a uma perspectiva que não dá conta daquela forma de viver, correndo o risco de julgamentos precipitados e restritivos sobre quais seriam as necessidades, as faltas e os desejos do outro.

Referências

- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.
- FRANGELLA, Simone Miziara. **Corpos urbanos errantes: Uma Etnografia da Corporalidade de Moradores de Rua em São Paulo**. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas, 2004.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.
- GRAEFF, Luca. Corpos precários, desrespeito e autoestima: o caso de moradores de rua de paris. In: **Psicologia USP**, São Paulo, 2012, 23(4), p. 757-77.

-
- MONS, Alain. **Les lieux du sensible: villes, hommes, images**. Paris: CNRS Éditions, 2013.
- PICADO, Benjamim. A ação e a paixão que se colhem num rosto: pensando os regimes de discurso do retrato humano no fotojornalismo. In: **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.276-290, dez. 2009
- ROBAINA, Igor Martins Medeiros. A Invisibilidade como Estratégia Espacial das Populações de Rua na Cidade do Rio de Janeiro. In: **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 1, N.2, p. 167-176, 2011.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.